

RIOBALDO FILÓSOFO

A metafísica no Grande Sertão

André Henrique M. V. de Oliveira

“MUITA COISA IMPORTANTE falta nome”¹. Andrônico de Rodes, filósofo grego que viveu por volta do ano 60 a.C, deve ter pensado algo assim enquanto compilava as obras de Aristóteles. Foi durante a tarefa de organização das obras do filósofo estagirita que Andrônico cunhou o termo *metafísica*, ao posicionar, depois dos textos que tratavam da realidade física, os escritos que tratavam daquilo que estava para além (*meta*) da física. Assim a palavra *metafísica* entrou para a tradição filosófica substituindo o que Aristóteles nomeava como *filosofia primeira*: a área da filosofia que teorizava sobre *o Ser enquanto Ser*.

Na minha tarefa como professor é sempre um pouco complicado explicar o que a metafísica estuda. “*Ser enquanto Ser*”, soa muito abstrato, vazio, como se estivesse faltando algo, como se estivesse faltando...nome. Mas, não há nome. É só isso mesmo. É como matemática: tão simples que se torna difícil. O fato de que as coisas existem, ou, ainda mais, o fato de que há a *existência em si* é algo tão intuitivo e imediatamente dado que não

¹ ROSA, 2019, p. 13

nos espantamos mais com isso, e parece esquisito que alguém se ocupe intelectualmente com esse tema. Porém, pasmem, há quem pague suas compras no mercado vendendo aulas sobre isso.

No entanto, a frase que abre este texto, do jeitinho que está escrita, não foi dita por Andrônico de Rodes, mas por Riobaldo, no momento em que relata ao seu interlocutor sobre um sentimento estranho que havia sentido quando passou por certa aventura com um meninx que se tornaria seu amigx.... Foi aí, talvez, que ele tenha se dado conta de que, pelo menos às vezes, é preciso dar nome para as coisas; uma tarefa geralmente assumida por poetas e filósofos, esses pastores do pensamento. E em se tratando de pensamento (metafísico), e de tentar nomear as coisas com profundidade, há algumas confluências interessantes entre o personagem de Guimarães Rosa e Martin Heidegger, autor de *Ser e tempo* (talvez a mais importante obra de metafísica do século XX). Há um insuspeitado paralelo entre o conceito de *Ser*, na obra *Ser e tempo*, e o Sertão de o *Grande Sertão: veredas*; paralelo sobre o qual me debruço nesse texto...

Ao lermos essa obra fundamental da literatura brasileira, e mundial, sentimos que o Sertão é a condição de possibilidade de tudo: de todos os existentes e de toda a existência em geral daquele mundo. É o próprio Riobaldo que deixa isso evidente quando diz que “O sertão está em toda parte”², e que “o sertão é do tamanho do mundo”³. Ou seja, o Sertão é metafísico, e, portanto, infenso a

2 ROSA, 2019, p. 59

3 ROSA, 2019, p. 59

definições fechadas ou limitantes. Em paralelo, Heidegger diz que o conceito de “ser” é indefinível: “Essa é a conclusão tirada de sua máxima universalidade. (...) Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores e nem explicá-lo através de conceitos inferiores”⁴.

Mas, além dessa constatação, a impressão que temos é a de que o Sertão é também um personagem; um personagem que paira acima, abaixo e por dentro, englobando e engolindo todos os outros. Ele pode ser pensado numa dimensão ontológica, do *Ser*, mas também numa dimensão (não exatamente cronológica) do *tempo*: “Sertão é quando menos se espera”⁵, diz Riobaldo. Assim, numa tal perspectiva o Sertão *é* e *acontece*, e ao acontecer se apropria dos destinos dos indivíduos que engloba. Isso faz surgir nos sujeitos a necessidade de refletir sobre a sua dimensão existencial, sua condição de ser humano naquela realidade *sertânica*. Afinal, “A indefinibilidade de ser não dispensa a questão de seu sentido; ao contrário, justamente por isso a exige”⁶. Assim, o modo como cada um se relaciona com o *Ser(tão)*, traçará o seu caminho, a sua existência, suas veredas.

Todo esse universo levanta alguns problemas de ordem filosófica, e aqui eu gostaria de elencar alguns: o primeiro diz respeito à essa necessidade mencionada, de se refletir acerca do sentido existencial do indivíduo naquele mundo específico que

4 HEIDEGGER, 2009, p.39.

5 ROSA, 2019, p. 208.

6 HEIDEGGER, 2009, 39.

carrega e estrutura seus significados e suas possibilidades de significados. E na “questão sobre o sentido de ser”, diz Heidegger, “o primeiro a ser interrogado é o ente que tem o caráter da presença”⁷. A palavra “presença” procura traduzir a expressão alemã *Dasein*, junção do advérbio de lugar “*Da*” e “*Sein*” (verbo ser/estar): um ser, ou existente que existe situado aí (*Da*), num lugar-mundo. Porém, e aqui temos o segundo problema, “O ser-no-mundo é, sem dúvida, uma constituição necessária e *a priori* da presença, mas de forma nenhuma suficiente para determinar por completo o seu ser”⁸. A situação mundana é, sem dúvida, o ponto de partida (e o de chegada) da constituição ôntica da *presença*, porém há uma travessia a se fazer, como que pela terceira margem de um rio; há uma vereda a se trilhar com o auxílio da foice do pensamento. Isso se faz necessário porque “Onticamente, a presença é o que está “mais próximo” de si mesma; ontologicamente, o que está mais distante”⁹. E Riobaldo, tal como Heidegger, sabe que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”¹⁰.

Para cortar as unhas-de-gato da realidade, e aproximarmos do ser autêntico, não se dispõe de outra ferramenta que não o pensamento, este exercitar-se errante do espírito. E por “pensamento” não devemos entender algo como simplesmente “ter ideias”, ou “representar mentalmente”. Pensar é interrogar e

7 HEIDEGGER, 2009, 83.

8 HEIDEGGER, 2009, 99.

9 HEIDEGGER, 2009, 53.

10 ROSA, 2019, p. 53.

(principalmente) ouvir o *Ser*. E o ouvido atento saberá que “Em sentido próprio, a linguagem é que fala. O homem fala apenas e somente à medida que co-responde à linguagem”¹¹. O terceiro problema, então, é o de *saber como questionar*. Heidegger nos diz que “Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia”¹². Ora, o que se busca é o *Ser*, que se mostra e se oculta na linguagem, para a qual nossa atenção deve estar calmamente voltada, de tocaia, à espreita de um próximo clarão. Quando ocorrerá? Talvez não possamos saber, mas podemos desconfiar, e isso basta. “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”¹³, diz Riobaldo, socraticamente. E é aqui que se chega a uma outra etapa dessa problematização metafísica: o entrelaçamento necessário, durante a caminhada no sertão do pensamento, entre a angústia e o cuidado.

Já deve estar bastante claro que a linguagem/pensamento do falatório trivial não nos leva a, nem nos pode guiar por tais veredas. Não por acaso, Antônio Cândido, ao comentar sobre a escrita de Guimarães Rosa em *Grande Sertão*, diz que “ele estava inventando uma linguagem”. Havia ali “criação de palavras”, “coisa que acontece muito na língua alemã”, segundo o insigne crítico brasileiro. Lembremos também que, em entrevista para um canal de TV independente de Berlim, o próprio Guimarães Rosa disse que seu romance é uma espécie de “Fausto sertanejo”. Nesse

11 HEIDEGGER, 2010, p.167.

12 HEIDEGGER, 2009, p.40.

13 ROSA, 2019, p.18.

sentido, a verve metafísica do *Grande sertão* serve para mostrar que a angústia, o cuidado, e a profundidade ontológica da linguagem e do pensamento não são possíveis apenas no idioma de Goethe (como queria Heidegger). “Sertão”, nos diz Riobaldo, “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...”¹⁴.

A linguagem, essa estrutura ontológica que recepciona o pensamento e a angústia, é a mesma pela qual se expressam o *cuidado*, a *apreensão*, ou, para usar um termo que tradutores de Heidegger usam para a palavra alemã *Sorge*, a *cura*. Assim, algo que se busca fazer de modo *acurado*; a atividade de *curadoria*; a ato de fazer um *curativo*; tudo isso são exemplos da realização prática de uma estrutura essencial que confere valor ao agir da *presença* (*Dasein*): o cuidado. “Burdach chama a atenção para um duplo sentido do termo ‘cura’ em que ele não significa apenas um ‘esforço angustiado’, mas também o ‘acurar’ e a dedicação”¹⁵. É um condicionamento ontológico, do próprio ser da *presença*, que a torna existencialmente indissociável do cuidado.

No § 42 de *Ser e tempo* Heidegger alude à dimensão mitológica desse vínculo através da fábula atribuída a Higino, escritor romano, e que é conhecida como “mito do cuidado”. Nessa fábula o *Cuidado* é uma entidade que dá origem ao homem a partir da argila. Esse novo ser recebe do deus Júpiter o espírito que lhe torna vivo, e logo começa uma disputa entre o Cuidado,

14 ROSA, 2019, p. 25.

15 HEIDEGGER, 2009, p. 267.

Júpiter e a Terra (fornecedora da argila), pelo direito de dar nome àquela nova criatura. Saturno, como árbitro dessa querela, profere a seguinte decisão: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus”¹⁶.

A preocupação assistencial (*Fürsorge*) que dispensamos a nós mesmos e às coisas se situa dentro de uma temporalidade imanente ao mundo. Sabemos que há tempo de plantar e tempo de colher. Todas as atividades que buscam como que antecipar um instante-à-frente, que nutrem uma esperança do que virá, são frutos do cuidado. O ser humano “cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o que ali cresce”¹⁷. Daí a confiança de Riobaldo no saber que “o que é de paz, cresce por si”¹⁸, e que “Deus é paciência”¹⁹.

É certo que angústia e cuidado fazem parte da existência de tal modo que, a “cada hora, cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo”²⁰. Mas, “Desespero quieto às vezes é o melhor remédio que há. Que alarga o mundo e põe a criatura solta”²¹. Assim, a busca pela compreensão, e pela apropriação autêntica de sua própria existência, fazem confluir nesse redemoinho

16 HEIDEGGER, 2009, p. 266.

17 HEIDEGGER, 2010, p.168.

18 ROSA, 2019, p. 209.

19 ROSA, 2019, p. 20.

20 ROSA, 2019, p.68.

21 ROSA, 2019, p.115.

metafísico e humano o pensamento (que revela a condição de se estar lançado no mundo), a angústia (a estranha proximidade com o nada e o “não se sentir em casa”) e o cuidado, afeto e disposição ontológica da *presença*, sem a qual não se faz uma boa travessia.

Porém, ainda que seja possível essa apropriação autêntica, e que o espírito humano se torne capaz de escutar devidamente o *Ser*, diante da grandeza do Sertão restará sempre aquela desconfiança de que, como disse Antônio Cândido, “há um destino obscuro, misterioso, que o tempo todo dirigiu as coisas”. Quem vem deste chão bem sabe: não é possível só filosofar no sertão.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. *Entrevista Antônio Cândido - Grande Sertão veredas: Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa* [S. 1.: s.n], 2 de março de 2014. 1 vídeo (18 min 01 s). Publicado pelo canal ZekitchaCostello. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>. Acesso em: 03 abr. 2022.

HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSA, J. G. *Entrevista João Guimarães Rosa – Entrevista raríssima em Berlim* (1962) [S. 1.: s.n], 8 de dezembro de 2016. 1 vídeo (6 min 45 s). Publicado pelo canal Fernando Graça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&t=209s>. Acesso em: 03 abr. 2022.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. 22.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRÉ HENRIQUE M. V. DE OLIVEIRA é professor de Filosofia do IFPI. É autor dos livros *O diabo a quatro: entre textos e contextos* (Entre Trópicos Editora), *Raul Seixas e a Filosofia* (Desenredos), *Materialismo agônico: corpo, mente e matéria na Filosofia de Schopenhauer* (Ed. IFPI)